

LEIA AINDA
NESTA EDIÇÃO

Veja a cobertura
dos debates sobre
o redesenho

*
Demissões e calote
na Universidade
São Marcos

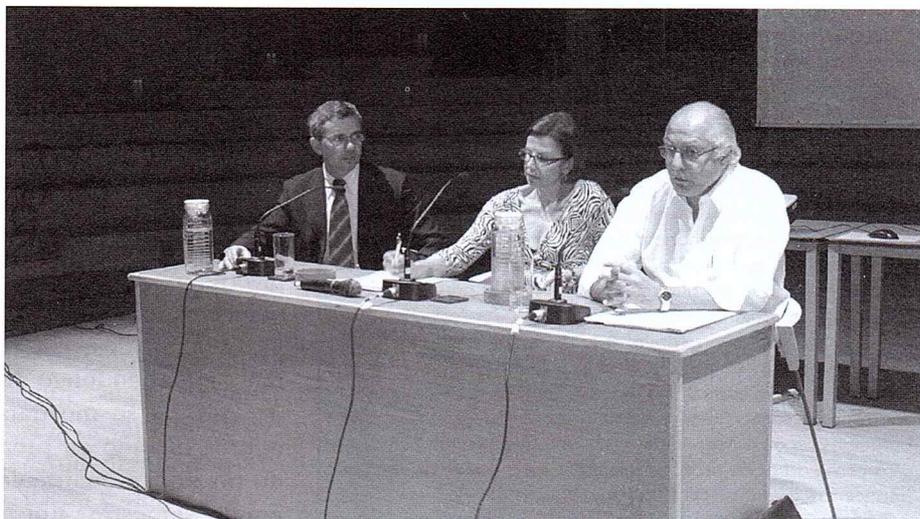
MOBILIZAÇÃO

Entidades preparam debates sobre o redesenho

Enquanto a Comissão de Redesenho Institucional (Cori) organiza palestras com entusiastas da reestruturação pretendida – mas timidamente explicitada – pelos gestores da PUC-SP (confira as discussões nesta edição), as associações e centros acadêmicos preparam debates dissonantes sobre o redesenho da universidade.

O primeiro, intitulado *Que redesenho é este?*, contará com representantes das associações de professores, funcionários e do Conselho de Centros Acadêmicos e acontecerá na próxima semana em dia e local a serem anunciados. O debate tem o intuito de apontar como o redesenho afetará os três setores da PUC-SP.

Na reunião que definiu a realização de atividades dos três setores sobre o tema, em 14/8, as entidades observaram que a comunidade não foi suficientemente informada sobre o processo de redesenho e, principalmente, sobre a proposta apresentada pela Reitoria para tal. Destacou-se também o alcance limitado das



JULIA CHEQUER

Rubens de Oliveira, da SESu, Mariangela Belfiore, presidente da Cori e Antônio Carlos Ronca, ex-reitor da PUC-SP em uma das palestras da Cori.

palestras organizadas até agora e a necessidade de cobrar uma atividade da amplitude de uma audiência pública, o que tornaria

mais democrático o processo, contando principalmente com a participação da Reitoria para expor seu projeto.

22 de Agosto também pauta o tema

Como parte das atividades que celebram os seus 60 anos de existência, o Centro Acadêmico 22 de Agosto realizará um debate sobre o redesenho institucional nesta quinta-feira, 23/8, às 20h30, no auditório 239. Na mesa estarão presentes, dentre outros palestrantes, representantes da APROPUC, AFAPUC e do movimento estudantil da PUC-SP.

Mais cedo, às 9h30, no mesmo auditório, haverá um debate sobre a Reforma Universitária, intimamente ligada ao processo de ajustes pelo qual passa nossa universidade. Não por acaso, a intenção do CA é relacionar a discussão sobre o redesenho ao projeto do governo federal para a reestruturação do Ensino Superior, traduzido na Reforma Universitária.

Crise financeira

A economia mundial mergulha em mais um episódio de crise financeira. Os números das perdas, a persistência das desvalorizações nas Bolsas e as ameaças de quebra de gigantes fundos de investimentos indicam que o rombo poderá ser mais amplo e profundo do que o já apresentado.

Conceituados e espertos analistas não sabem responder à pergunta sobre a extensão da crise. A alta cúpula da burguesia internacional aguarda os acontecimentos sem muito poder fazer.

Assim que o banco BNP Paribas, poderosa corporação francesa, anunciou que não poderia cumprir seus compromissos, as Bolsas do mundo começaram a desabar. Evidenciava a emergência da crise latente, cujo epicentro se encontra nos Estados Unidos.

Os Bancos Centrais chegaram a despendêr cerca de U\$270 bilhões para garantir a liquidez mundial e evitar logo de início quebra de empresas. Não foi suficiente para o tamanho do desequilíbrio. Não se tratava de simples "bolha" e correção "natural", como propalaram autoridades, analistas e jornalistas.

O edifício da especulação se tornou arranha-céu. Mostrou a face explosiva do excesso de liquidez no mercado especulativo, fonte de crises instantâneas e constantes, materializadas no alto volume de capital volátil sem correspondência direta com a produção de mercadorias. Evidenciou o artificialismo das taxas de crescimento econômico dos Estados Unidos. Assinalou o processo de aumento das fusões bancária e industrial, ocasionando monopólios cada vez mais gigantes, assentados em pilares especulativos das Bolsas.

Os prenúncios e anúncios de que a farra imobiliária norte-americana iria terminar em desastre se confirmaram plenamente em agosto. A Countrywide, que financia grande parte dos imóveis, foi socorrida pelos bancos JP Morgan e Barclay. Ou se mantinha em pé a Countrywide, ou a crise se alastrava para todo o sistema.

Os dispêndios dos Bancos Centrais e os socorros de bancos (com apoio dos governos) não tiveram como evitar que os riscos de quebra de empresas e as alterações na economia norte-americana atingissem de conjunto a economia mundial. As "soluções" para a crise, nos marcos do capital, são limitadas e, o mais grave, geradoras de crises mais profundas. O que confirma a tese marxista de que o capitalismo, na fase imperialista, é de agudização de suas contradições e de desagregação. Mas os analistas burgueses expõem o acontecimento como se fosse uma fratura que será corrigida pelas próprias leis de funcionamento do mercado financeiro.

É fato que o governo americano facilitou a compra de imóveis por meio do crédito "fácil" (juros baixos), pelo qual, por exemplo, o valor da entrada na compra do imóvel (na época 20%) foi extinto. Criou-se a linha de alto risco (subprime). Os prazos de financiamento foram esticados. Os bancos que financiavam os compradores, a partir de 2001, repassaram os empréstimos para os bancos de investimentos, que os transformaram em títulos por hipotecas e que por sua vez se revendiam para os grandes investidores. Assim, o credor inicial do imóvel recebia o dinheiro do repasse e o usava para outros financiamentos. Está aí exposto o segredo da efervescência da economia da maior potência.

Os "riscos" dessa jogatina são classificados por agências, como a Moody's. Porém tais agências são mantidas pelos bancos de investimentos, que por sua vez têm interesses em assegurar os compradores desses títulos. Com o crescimento das inadimplências, o efeito foi em cascata. E as conseqüências atingiram as Bolsas de Valores de todo o mundo, que de um dia para outro queimaram bilhões de dólares e as maiores empresas tiveram suas ações desvalorizadas.

O problema não está em os capitalistas queimarem capitais – fictícios ou não –, mas na possibilidade de uma recessão e aumento do custo de vida para as massas. As crises são pagas pelas massas trabalhadoras, com rebaixamento salarial, desemprego e planos de destruição de conquistas sociais.

Entender a crise capitalista é importante para reagir aos ataques que serão desfechos contra os assalariados e camponeses pobres. Também, e principalmente, para se compreender que a burguesia é uma classe dirigente parasitária e aventureira e que o capitalismo deve ceder lugar ao socialismo.

*Erson Martins de Oliveira,
Diretor da Apropuc.*



Estudantes assistem na Prainha vídeo sobre inadimplência

INADIMPLÊNCIA

Estudantes continuam a questionar política de permanência

Passadas as tentativas frustradas de negociação com a Reitoria sobre bolsas e inadimplência, em junho deste ano, os estudantes começam agora a se manifestar. Na quarta-feira, 15/8, o centro acadêmico Benevides Paixão (Comunicação) organizou um ato na Prainha, chamando a atenção dos estudantes para um tema recorrente: as dificuldades de permanência na PUC-SP.

Dificuldades que se tornaram agudas ao longo deste ano de 2007, e se mostraram evidentes quando da prorrogação do prazo para matrícula no segundo semestre. Foi o que o ato buscou mostrar, com panfletagem e exibição de vídeos. Um deles, produzido pelo CA nestas duas primeiras semanas de aula, mostrou entrevistas com estudantes dos mais variados cursos, que relatam a via sacra percorrida pelos que procuram pagar dívidas e regularizar suas matrículas. Um *cover* da reitora Maura Veras também apareceu para abri-

lhantar a manifestação.

Mas o que mais saltou aos olhos foi a marcação cerrada dos agentes de segurança da empresa Graber sobre os estudantes que montavam os aparelhos para a exibição. Interpelações que, para aqueles com mais anos de casa, soariam como um grande disparate. Postado ao lado dos aparelhos por algum tempo, um dos seguranças declarou que esperava informações de seus superiores: se dissessem que a manifestação era proibida, cuidaria para "interromper a exibição".

Falando ao *PUCviva* o ouvidor Fernando Altemeyer informou que a Reitoria estuda ampliar a resolução de permitir a matrícula aos inadimplentes que estudam em cursos anuais. O professor Fernando informou ainda que os números finais sobre a inadimplência não foram divulgados em virtude de vários processos de negociação continuarem em andamento.

PUCviva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 - CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua Cardoso de Almeida 990 - Sala CA 02 - Fone: 3670-8208.

PUCViva: 3670-8004 - **Correio**

Eletrônico: pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Editor: Valdir Mengardo

Sub-editor: Leandro Divera

Reportagem:

Jaqueline Nikiforos

Fotografia: Fábio Nassif e Julia Chequer

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração:

Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Universidade São Marcos demite professores e não paga direitos

A mantenedora da Universidade São Marcos demitiu, nos dias 27 e 28 de junho deste ano, cerca de 50 docentes. Os professores demitidos enviaram carta ao *PUCviva* denunciando o desrespeito com que são tratados os trabalhadores daquela universidade.

Segundo o documento, a mantenedora não pagou até a gora os direitos trabalhistas dos professores demitidos. “Há mais de cinco anos a universidade não deposita o FGTS, não paga as férias antecipadas, não paga pontualmente o 1/3 de férias, não paga os salários no quinto dia útil e vem parcelando o 13.º salário em quatro vezes, sendo que do 13.º salário de 2006 foram pagos somente 25%. A universidade também não recolhe o INSS, o que caracteriza apro-

priação indébita do dinheiro público”, diz o texto. Além disso, a quase totalidade dos professores ainda não recebeu os salários de maio e junho.

O documento também assinala que muitos dos professores demitidos organizavam um movimento interno de defesa dos direitos desrespeitados, reivindicando uma negociação com a patronal.

A mantenedora, numa postura inconstitucional, vem recusando-se a homologar as rescisões contratuais dos demitidos, impossibilitando-os de utilizar seus fundos de garantia.

Do ponto de vista pedagógico, a demissão provocou imensos prejuízos aos alunos, uma vez que do grupo de professores demitidos existiam doutores e mestres com mais de dez anos

de casa. Orientações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso e estágios foram interrompidos abruptamente e os atendimentos à comunidade ficaram comprometidos.

Os professores concluem afirmando que “as atuais demissões fazem parte de uma política mais ampla empregada por algumas mantenedoras do ensino superior privado, política esta que busca a obtenção de maior lucro ainda em detrimento da qualidade de ensino e do trabalho docente, como os jornais têm veiculado em muitas oportunidades. Assim, demitem-se antigos que, por força de uma carreira construída, ganham mais, para admitirem-se novos professores com salários bem mais baixos e com direitos trabalhistas ameaçados”.

Assembléia dos funcionários

23/8

quinta-feira - sala 239

- ✓ Adequação dos estatutos da AFAPUC
- ✓ Bolsas de estudos para funcionários

Atletas desertores? A cobertura da mídia capitalista

Adilson Lucena

Os Senhores do Congresso Brasileiro estão alvoroçados com o destino dos dois cubanos que recentemente desertaram da delegação que participou nos Jogos Pan 2007. A grita da direita carcomida chega até ser patética; querem convocar o ministro da Justiça para depor na Comissão de Relações Exteriores da Câmara e prestar esclarecimento sobre as circunstâncias em que os esportistas foram devolvidos ao país de origem.

Pasmem: Artur Virgílio, líder do “Partido Democrata”, a agremiação que já mudou de nome várias vezes de tão desmoralizada que está, comparou o caso ao de Olga Benário, companheira de Luiz Carlos Prestes, que durante o regime de Getúlio Vargas foi enviada aos campos de concentração da Alemanha nazista, pelo chefe da polícia política Felinto Muller. Olga foi assassinada e os dois cubanos estão passando muito bem obrigado. Enquanto a imprensa babona (a mesma que criminaliza os movimentos sociais) brada pelos cantos do país sua furibunda campanha contra o heróico povo cubano.

Eu conheci de perto a experiência da Revolução Cubana porque morei lá 15 anos da minha vida. Fico me perguntando o porquê de não se fazer campanha para acabar com o feroz bloqueio econômico contra a ilha, condenado reiteradas vezes pela Assembléia Geral das Nações Unidas. Na última ocasião, 183 países votaram contra o embargo e 4 a favor. O bloqueio econômico contra a pequena ilha do Caribe, situada a apenas 150 quilômetros dos Estados Unidos, constitui uma guerra econômica cujo objetivo é

dizimar pela fome a resistência do povo cubano. O dito embargo é um eufemismo para a realidade que encerra – é na realidade um emaranhado de leis aprovadas pelas diferentes administrações americanas.

No total são oito grupos de proibições. No sexto, temos a Lei Torricelli, que proíbe Cuba de comercializar com qualquer país que tenha negócios com empresas americanas. A mesma lei proíbe barcos que atraquem em portos cubanos de fazê-lo em portos norte-americanos. No sétimo, temos a Lei Helms-Burton que obriga outros países a obedecerem às medidas do embargo contra Cuba. Vejam que absurdo: uma lei feita nos Estados Unidos que outros países devem acatar! Mas afinal, o embargo é contra Cuba ou contra o mundo? O imperialismo americano, no seu íntimo, pensa: vocês não perceberam ainda que nós somos os donos do mundo!

Neste exato momento, cinco patriotas cubanos estão cumprindo pesadas penas em prisões americanas. Foram presos em 1998 pelo FBI na cidade de Miami. Em 2001, foram julgados sob a acusação de espionagem a serviço do governo cubano. Esses cinco cubanos foram condenados pelo motivo de estarem nos Estados Unidos, única e exclusivamente para informar o seu país sobre as atividades dos grupos terroristas radicados na cidade de Miami. Lutavam para prevenir sabotagens e outros atos criminosos. As irregularidades processuais do caso são gritantes – diversas organizações americanas de direitos humanos, entidades jurídicas e até

mesmo a ONU condenaram a parcialidade do julgamento. Diante do clamor mundial, a sentença foi anulada, mas mesmo assim os cinco heróis continuam presos em vários estados americanos. São eles: Antonio Rodríguez, condenado à cadeia perpétua e mais dez anos de prisão; Fernando González, pena de 19 anos de prisão; Gerardo Hernández, duas prisões perpétuas e mais 15 anos de prisão; Ramón Salazar, prisão perpétua mais 18 anos de prisão e René Gonzalez, 15 anos de prisão. Esses sim merecem respeito e seus nomes ficaram para sempre na história da dignidade humana!

Quero demonstrar meu repúdio à horrorosa cobertura jornalística feita pela Rede Globo durante os Jogos. Eles inventaram a história da debandada da delegação cubana e depois não tiveram nem a honradez de desmentir a notícia. No caso da imprensa escrita, o desmentido saiu nas últimas páginas dos jornais e em espaço reduzido, quando o estrago já estava feito. Sinto-me orgulhoso com o desempenho dos nossos atletas. Muitos são de extração humilde. Como cubano internacionalista e levando em consideração um critério mais equilibrado, que é a proporção de medalhas por cada milhão de habitantes, temos Cuba com 11,25 medalhas por milhão de habitantes; Canadá 4,15; Venezuela 2,65; Brasil com 0,89 e Estados Unidos com 0,79.

Adilson Lucena é aluno da Faculdade de Comunicação e Filosofia



Debates discutem redesenho e natureza comunitária da PUC



JULIA CHEQUER

Os professores Aldo Vannucchi, Madalena Peixoto, Guilherme Simões e Luiz Eduardo Wanderley discutem o redesenho institucional, observados pela reitora Maura Vêras

Finalizando a programação de encontros da Comissão de Redesenho, (Cori), na semana passada, foram realizados mais dois debates. O primeiro deles, em 14/8, reuniu o professor Rubens de Oliveira Martins, da SESu (Secretaria de Educação Superior do MEC) e o professor Antonio Carlos Ronca, ex-reitor da PUC-SP e presidente da Câmara de Educação Superior, também ligada ao Ministério.

O professor Rubens fez uma breve exposição, apresentando o decreto 5773 e as possíveis implicações que o texto acarretaria no processo de redesenho das universidades brasileiras, notadamente em aspectos como avaliação e regulação do ensino superior.

A polêmica ficou por conta do professor Ronca, que levantou suas preocupações com os processos de redesenho institucional das universidades brasileiras. Concordando com a urgência de um redesenho para a estrutura da PUC-SP, mas analisando as tramitações de outros redeseños, o ex-reitor mostrou algumas inquietações. “É preocupante que uma universidade faça seu redesenho unicamente para se encaixar nos moldes do processo de Bolonha”, considerou. Para ele, o modelo de Bolonha tem uma alta carga de pasteurização, o que num país com a diversidade cultural do Brasil seria um retrocesso.

Outro alvo das críticas do professor foram as universidades com fins lucrativos, “herança maldita do governo FHC, que hoje invadem o país, inclusive com capital estrangeiro”.

Como desafios a serem enfrentados pelas universidades que buscam o redesenho, Ronca citou como fundamental a manutenção da autonomia universitária e o enfrentamento

da elitização do ensino. “Hoje, por exemplo, não temos trabalhadores nos cursos de Medicina”, lembrou.

Referindo-se ao modelo daqui, Ronca concluiu: “nós, da PUC-SP, tivemos um momento, que eu localizo no Ciclo Básico, em que a universidade tinha uma marca, que era a formação de cidadãos com uma consciência crítica. Nós fomos nos afastando desta marca e, oxalá, o redesenho recupere esta característica”.

Ao final do debate, um estudante de Geografia questionou a fala do professor Rubens, quando ele afirmava que a avaliação do MEC não era punitiva. O aluno apontou que Ministério vem negando o ProUni a cursos com baixo desempenho no Enade, sem levar em conta que parte dos estudantes discorda deste tipo de avaliação e boicota o exame. Ambos os debatedores esquivaram-se do assunto, dizendo que o ministro da Educação deveria ter o discernimento para interpretar os resultados do Enade e saber o que configuraria baixo desempenho e o que seria boicote.

Modelo de gestão

O segundo debate, de 15/8, reuniu os professores Luis Eduardo Wanderley, o chefe de gabinete da Reitoria, Guilherme Simões e o reitor da Universidade de Sorocaba, Aldo Vannucchi. A discussão girou em torno de qual deveria ser o modelo de gestão para uma universidade comunitária e, em especial, a PUC-SP.

Muito foi falado sobre a necessidade de preservação do caráter social da universidade e sobre a diversidade aqui presente, que qualquer

modelo de gestão democrático que seja aplicado terá de abarcar. “Apaziguar é impossível. Isso é que faz a riqueza da PUC-SP”, declarou Guilherme Simões.

Por outro lado, o professor Luis Eduardo Wanderley salientou o quão importante é garantir a sustentabilidade financeira de qualquer projeto que venha a ser executado, levantando várias propostas sobre a questão, como busca de recursos públicos, parcerias com empresas e até com instituições internacionais, contando com a possibilidade de perda de autonomia. Mesmo assim, esta última proposta, em especial, foi agraciada por todos os outros debatedores da mesa.

Mas o que roubou a cena foi a larga fala de Guilherme Simões sobre o setor de pós-graduação. O chefe de gabinete observou que hoje a PUC-SP atravessa a fase de consolidação do pós, dando outra qualidade para a instituição. “É dispendioso, deficitário, mas é algo que nos produz um superávit de outra ordem”, disse Simões ressaltando a qualidade de todos os programas oferecidos pela universidade. Questionado sobre o custeio de ordem financeira do pós, já que observa seu déficit, Simões não foi muito incisivo em sua resposta. Falou da aposta na internacionalização, na garantia de “graduações que sejam os grandes pulmões da universidade” e disse também que não existem dilemas. O reitor Aldo Vannucchi foi direto ao ponto: sustentar a stricto sensu pela lato sensu e promover exugamentos, idéia já sutilmente implementada na PUC-SP. “Se uma unidade tem 10 funcionários não funcionaria bem com 8?”, ponderou Vannucchi.

Rola na rampa



JULIA CHEQUER

EULINA DE SOUZA

Funcionários homenageiam Luizão

O grupo Vagabundos, formado por funcionários da PUC-SP, retomou na sexta-feira, 17/8, o tradicional samba na Prainha, desta vez para homenagear Luiz Antonio Alves Pinto, o Luizão, falecido em 6/7. Ao lado, Luizão numa outra sexta-feira, animando o samba com seu surdo.



O Capital completa 140 anos

O Departamento de Economia, o Grupo de Pesquisa em Economia Política Marxista (Gecopol) e o CA Leão XIII debatem neste mês os 140 anos d'O Capital. O ciclo teve início na semana passada, com três mesas reunindo professores da PUC-SP e de outras instituições para discutir aspectos eco-

nômicos e sociais da obra de Karl Marx. Na próxima terça-feira, 28/8, às 20h, no auditório 239, José Arthur Gianotti (Cebrap) discorre sobre *O pensamento marxista no mundo contemporâneo*, em palestra coordenada pelo professor Jason T. Borba e pelo estudante Alexandre C. Benachio (Leão XIII).

Professor de Psicologia lança novo livro

O professor Efraim Rojas Boccalandro, da Faculdade de Psicologia, lança nesta quarta-feira, dia 22/8, seu novo livro *Giros do meu cata-vento*, pela editora Vetor. O evento acontece na Livraria Cultura do Shopping Villalobos, às 19h.

Departamento de Inglês realiza semana estudos

Entre os dias 27/8 e 1º/9 o Departamento de Inglês realiza a 1ª Semana de Estudos de Língua Inglesa da PUC-SP: *Opening Doors*. O evento contará com palestras, filmes e apresentações musicais que acontecerão nos auditórios da PUC-SP e na sede da APROPUC. Confira os detalhes na próxima edição do *PUCviva*.

Vito Gianotti na PUC-SP

Na quinta-feira, 30/8, às 19h, acontece no auditório 239, o lançamento do livro *A História das Lutas dos Trabalhadores no Brasil*, de Vito Gianotti. Na oportunidade, será apresentado um painel sobre *A imprensa operária e sindical no Brasil*, com a participação do próprio Gianotti, além de José Arbex Jr., do Departamento de Jornalismo, e Erson Martins, do Departamento de Artes. O livro reveste-se de uma importância fundamental para aqueles que têm como perspectiva a mudança da sociedade em que vivemos. Nos anos

60 e 70, o autor lutou contra a ditadura e, como tantos que militaram naquela época, foi preso várias vezes – pelo Exército, pelo Dops e pela Polícia Federal. Nas lutas diárias como metalúrgico, forjou sua militância sindical no Brasil e descobriu a importância de uma comunicação alternativa, popular, voltada aos interesses dos trabalhadores. O evento tem a promoção do Departamento de Jornalismo e do Núcleo Perseu Abramo, com apoio da APROPUC, Núcleo Piratininga de Comunicação e Escola Superior do Ministério Público.

Homenagem a Márcia Regina da Costa

O Departamento de Antropologia e o Pós em Ciências Sociais realizam nesta semana uma homenagem a Márcia Regina da Costa, professora do Departamento de Antropologia falecida no primeiro semestre. Com o tema *Trajetórias de uma antropóloga*, o encontro acontece nesta quinta-feira, 23/8, na sala, P-65, com abertura dos professores Vera Chaia e Edmilson Felipe e a participação de outros docentes da PUC-SP. Também será exibido um vídeo em homenagem a Márcia.

Confira a programação da Videoteca

Dando continuidade à mostra *Panorama do cinema paulista: São Paulo no cinema*, a Videoteca apresenta nesta semana os filmes *A Prova* (21/8, às 12h), *A Doce Vida* (21/8, às 17h), *A dama do Cine Shangai* (24/8, às 12h), *Noite Vazia* (24/8, às 17h) e *Palíndromo* (24/8, às 18h40). No ciclo *Mostra Paulista de Cinema Nordestino em São Paulo* será exibido o filme *Vermelho rubro do céu da boca* (22/8, às 19h). As exhibições acontecem no Auditório Banespa, com entrada franca.

Sem-Teto se acorrentam em Itapeverica

Desde a manhã da quarta-feira, 15/8, sete pessoas se acorrentaram em frente à Igreja Matriz de Itapeverica da Serra, para sensibilizar o prefeito da cidade a cumprir com sua palavra. Conforme acordo celebrado entre Governo Estadual, Federal, Caixa Econômica e Prefeitura, um terreno na Vila Calu deve

ser cedido para a construção de moradias populares. Mas o acordo foi quebrado pelo prefeito Jorge Costa. Os sem-teto pedem também que a Prefeitura não despeje as famílias que estão no terreno sem antes dar uma solução para o problema. O protesto não tem data para acabar.